

SAMORA MACHEL AO "OBSERVER"

LUTA REVOLUCIONÁRIA NO ZIMBABWE PERMITIRÁ DIVÓRCIO COM O CAPITALISMO

MAPUTO(AIM) - "A luta do povo do Zimbabwe permitir-lhe-á transformar a actual luta nacionalista numa luta revolucionária, o que implica profundas alterações na sociedade. Isto permitirá ao povo do Zimbabwe um divórcio completo em relação ao sistema capitalista. Assim, gostaríamos que a luta fosse uma luta prolongada, para libertar a mentalidade dos zimbabwianos" - afirmou o Presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, em entrevista concedida ao jornalista inglês David Martin, que hoje se publica no "Observer".

Nesta entrevista o Presidente Samora Machel aborda, para além da questão do Zimbabwe e as repercussões internas resultantes do encerramento das fronteiras com o regime legal e terrorista de Ian Smith, as relações da República Popular de Moçambique com a África do Sul, a recente cimeira de Lusaca e as resoluções aí tomadas, e outros assuntos que têm sido objecto de campanhas reacçãoárias movidas por certos órgãos de Informação ocidentais.

É o seguinte o texto integral da entrevista concedida pelo Presidente Samora Machel:

DAVID MARTIN - Pode explicar a decisão de encerrar as fronteiras de Moçambique com a Rodésia a 3 de Março, a aplicação das sanções preconizadas pelas Nações Unidas e a razão porque essa decisão foi tomada nesta altura?

SAMORA MACHEL - A Comunidade Internacional sabe porque. Os únicos que não aplicaram sanções contra a Rodésia são aqueles que se opõem ao progresso, à liberdade e à Independência do Povo. Moçambique é contra a opressão, pela paz e pela construção de uma nova Sociedade, com pessoas de todas as raças. Em segundo lugar, o regime de Ian Smith é um regime legal, um regime minoritário que oprime a maioria. Essencialmente e a medida destina-se a destruir a economia de Ian Smith. Mas não encerramos as fronteiras aos combatentes. Fechamos as estradas e as vias ferroviárias que suportam a economia rodésiana. Mas para aqueles que são pela liberdade as fronteiras da Rodésia não estão encerradas. Tomámos esta me-

didada nesta altura exacta porque os combatentes da liberdade e o Povo do Zimbabwe estão organizados. Eles estão organizados para lutar contra o regime de Smith, e por isso as condições estavam maduras para a aplicação das sanções. Admitimos que existe uma crise económica em Moçambique, mas aplicamos as sanções nove meses após a Independência, depois de estarmos a economia de Moçambique, porque agora esta acção já desviará as atenções do combate de Angola.

QUANDO ENCERRAMOS AS FRONTEIRAS ESTAVAMOS BEM CONSCIENTES DAS CONSEQUÊNCIAS ECONÓMICAS

D. MARTIN - Após terem encerrado as fronteiras pediram à comunidade internacional auxílio para a aplicação das sanções. Qual terá, eventualmente, o custo para Moçambique e que garantias de apoio já receberam?

S. MACHEL - Quando encerramos as fronteiras estávamos bem conscientes das consequências económicas. Mas para Moçambique isso constitui apenas um revés temporário mesmo que se prolongue por cinco anos. Aquilo que importávamos da Rodésia poderemos importar de outros sítios. Mas a Rodésia não pode substituir as estradas encerradas, não pode alterar a geografia. Em última análise, são eles quem sofrerão mais. A questão é quanto anos de poder agora a Rodésia sobreviver com este bloqueio? Moçambique continuará a viver, e acreditamos que a solidariedade internacional está do nosso lado. Consoletaremos a nossa economia porque de facto era um erro estarmos dependentes da Ro-

désia.

MESMO DURANTE A GUERRA DE LIBERTAÇÃO SEGUIMOS UMA POLÍTICA DE CLEMENCIA

D. MARTIN - Após o encerramento das fronteiras encerraram um certo número de rodésianos que se encontravam em Moçambique. Pode dizer-me quantos eram, e o que pretendem fazer deles?

S. MACHEL - Não estamos interessados em contá-los porque eles não são prisioneiros. Consideramos os rodésianos seres humanos. Consideramos os rodésianos pessoas que amam a paz, mas vivem num mundo de loucos, virado para dentro deles próprios. Aquil é-lhes dispensado um tratamento humano, eles têm liberdade. Mesmo durante a nossa guerra de libertação nacional, seguimos uma política de clemência. Por isso não estamos a falar de prisioneiros de guerra porque não estamos em guerra com a Rodésia. Em segundo lugar, eles não cometeram nenhum crime. Arranjaremos forma de eles regressarem à Rodésia, e de os moçambicanos que lá se encontram regressarem aqui.

D. MARTIN - Então essas pessoas serão autorizadas a deixarem o país num futuro próximo?

S. MACHEL - Certamente.

D. MARTIN - Após a guerra angolana o Secretário de Estado americano, Kissinger, assim como outros, manifestou receio de que tropas cubanas pudessem combater na Rodésia e Namíbia. Permitiriam que tropas estrangeiras transitassem por Moçambique para

combater na Rodésia?

S. MACHEL - Esses receios consistem essencialmente no mito existente entre os brancos de que os negros não são aptos. Mas quem derrubou o colonialismo português foi o representante da civilização ocidental em África? Foram os cubanos, os soviéticos, ou quaisquer outros estrangeiros? Lutámos durante dez anos em Moçambique, e derrotamos o colonialismo português. Fomos capazes de transformar a luta armada numa revolução, tomámos o poder através da força, estamos a lerar o NÓSSE Estado por uma via revolucionária e a efectuar mudanças profundas na nossa sociedade. Quando era criança fui a igreja e disseram-me que um homem negro não pode tornar-se num santo. Os padres brancos costumavam dizer que Deus era branco, e que os negros não iriam para o céu quando morressem. Agora dizem que os negros não podem vencer os brancos sem o auxílio de outros países, sem a participação activa de brancos. Eles não devem menosprezar a nossa capacidade. Os zimbabwianos derrotarão Smith sem a participação cubana. Gostariamos que o Dr. Kissinger e o Governo americano se preocupassem primeiro em verem-se livres do regime legal de Smith. Assim teriam o apoio de todo o mundo. Mas creio que eles estão a tentar encontrar uma nova zona de tensão. Acreditamos que o principal objectivo do Dr. Kissinger é tentar transferir a tensão do Médio-Oriente para a África Austral e, tendo estabelecido aqui essa tensão, encontrar um pretexto para bases no Oceano Índico. Se o Governo americano apoiasse as causas justas os seus inte-

reles não seriam diferentes do de outros países, eles não se sentem humilhados com as vitórias dos negros, porque fazem parte dessas vitórias. É dizer ao ocidente perpetuar crimes e guerras de agressão? A resposta é que eles deviam reconhecer. Eles não devem fazer guerras sobre os ciganos e os judeus, não devem tentar libertar as atenções daquilo que se passa na Rodésia. O problema é um regime ilegal, autoritário e racista, e a solução é entre apoiar aqueles que lutam ou aqueles que querem a liberdade.

D. MARTIN — O que acontecerá se uma força externa, como a África do Sul, intervir para apoiar militarmente Smith?

S. MACHEL — A África do Sul seria derrotada. O povo é muito forte, e o que existe no Zimbábue é um combate do povo.

D. MARTIN — No Ocidente, a confrontação rodésiana é encarada como uma guerra entre raças. Mas disseram-me que aqui em Moçambique a educação política dos combatentes da liberdade do Zimbábue indica-lhes que eles não devem deliberadamente procurar os brancos e matá-los apenas porque são brancos.

S. MACHEL — Para Ian Smith trata-se de uma guerra racial contra os negros. Os negros são identificados por Smith como o seu inimigo. Essa é a sua lógica, a lógica do colonialismo. Essa foi a definição dos franceses na Argélia e dos americanos no Vietname. Mas do lado dos nacionalistas não se trata de uma guerra racial, mas de uma luta de libertação nacional para criar uma sociedade em que exista harmonia entre as pessoas de todas as raças. Uma nova sociedade anti-racista deve ser construída. E porque Smith define a sua luta como racial, ele será derrotado, ele já está a ser derrotado. Esta é uma situação de agonia e desespero da parte de Smith. Mas ainda não é demasiado tarde: ainda há tempo para ele corrigir a sua política, dissolver o seu Governo e transferir o poder para a maioria.

SMITH É INCAPAZ DE QUALQUER COMPREENSÃO

D. MARTIN — Que nova estratégia resultou da cimeira realizada esta semana em Lusaca com os seus colegas da Tanzânia, Zâmbia e Botswana?

S. MACHEL — Decidimos intensificar a luta armada porque a arrogância de Smith demonstra que é impossível negociar. E decidimos consolidar a unidade no seio da luta ar-

mada, redefinir o inimigo — que é muito claramente Ian Smith — e finalmente decidir para que alvos apontar. O fracasso das negociações Smith-Nkomo demonstrou a toda a gente, especialmente aos ingleses, que Smith é incapaz de qualquer compreensão. Por isso, a única coisa que a Grã-Bretanha tem agora a fazer é apoiar a luta armada. A luta armada não é dirigida contra os brancos enquanto brancos. A nossa estratégia contém um grande respeito pela vida, um grande respeito pelos seres humanos. Não serão mortas crianças por serem brancas, não serão mortas mulheres por serem brancas, não serão mortos fazendeiros por serem brancos, não serão mortos civis por serem brancos. No Zimbábue verificar-se-á uma luta popular, e esta luta será prolongada, com repercussões no futuro. Ela permitirá aos zimbábueanos transformar a actual luta nacionalista numa luta revolucionária, que implique alterações profundas na sociedade. Isto permitirá ao povo do Zimbábue um divórcio completo em relação ao sistema capitalista. Assim, gostaríamos que a luta fosse uma luta prolongada, para libertar a mentalidade dos zimbábueanos.

D. MARTIN — Por luta prolongada refere-se a uma guerra longa, ou também ao período posterior à independência?

S. MACHEL — A libertação é um processo. Não existe fim para ele. Ainda estamos numa luta de libertação em Moçambique.

O TEMPO É UMA ESPADA COM DOIS GUMES

D. MARTIN — No Parlamento britânico o Secretário para os Negócios Estrangeiros falou esta semana em quatro condições para Smith, uma das quais é a de que ele deve aceitar eleições que levem a um regime de maioria dentro de um prazo de dois anos. Este prazo será aceitável?

S. MACHEL — Não sei se a Inglaterra é o poder administrativo que pode fixar limites de tempo a Ian Smith. Nem sei se as propostas do Secretário para os Negócios Estrangeiros se seguiram a consultas com Ian Smith e Joshua Nkomo sobre um prazo. Mas a minha resposta é esta: o tempo é uma espada com dois gumes. Dêem tempo às forças reacionárias na Rodésia e estão a dar tempo a Ian Smith para se preparar melhor. E isso implicaria negociações com Moçambique para reabrir a fronteira. A quem ajudaria isso? A Smith ou a maioria? E o que pensa a Inglaterra sobre:

a terceira força os guerrilheiros que estão a desencadear a luta armada? Eles são a força principal do Zimbábue. Ian Smith sem o apoio internacional condenado do povo pela comunidade internacional, conseguiu governar a Rodésia durante dez anos porque é necessário todo esse tempo para aqueles que gozam do apoio de todo o mundo, incluindo a Inglaterra? Quando o regime de Ian Smith declarou a UDI (Independência unilateral), não necessitou de um período de transição. Aqui verifica-se mais uma vez uma atitude paternalista em relação aos negros, de que eles precisam de tempo para se qualificarem. Se a Inglaterra pretende a responsabilidade sobre a Rodésia o prazo para a transição deve ser de oito meses, o máximo doze, porque o tempo é muito perigoso e existe uma situação de guerra na Rodésia.

D. MARTIN — Moçambique mantém importantes relações comerciais com a África do Sul a cuja política de "apartheid" se opõe abertamente. Como explica a continuação desta aparente contradição?

S. MACHEL — Trata-se de um caso de interdependência. Em primeiro lugar essa interdependência deve-se à incapacidade dos colonialistas portugueses, porque o seu colonialismo era um colonialismo burocrático e a Rodésia e África do Sul são colonialistas económicos. Por isso a nossa estratégia é a de não sermos dependentes, mas isso leva tempo. Temos que nos preparar e desenvolver o País. Quanto tempo levará isso? Não sabemos.

O DESENVOLVIMENTO COMEÇARÁ NO CAMPO

D. MARTIN — Afirma-se que a FRELIMO «destruirá as bases da pobreza» até ao fim desta década. No entanto, em mais que uma década de independência africana nenhum país conseguiu isso. Como definem as bases da pobreza, e como as destruirão?

S. MACHEL — Também nunca se tinha verificado a destruição do colonialismo em África através da força das armas. Destruiremos a pobreza através de uma estratégia económica correcta, baseada nas necessidades do povo. Sabemos o que o povo quer, e o nosso problema central é destruir a estrutura colonial, que está profundamente enraizada. Por isso temos que libertar os espíritos das pessoas, libertar a sua iniciativa criadora. Assim, definimos as Aldeias Comunitárias como locais onde o povo estará organizado, executará tarefas definidas, terá programas e utilizará correc-

tamente as suas próprias forças. O desenvolvimento começará no campo e será apoiado pela indústria. Sabemos que vocês no ocidente nunca pretenderam industrializar África, porque esse é o segredo para diminuir a pobreza.

FECHAMOS PRISÕES NÃO ABRIMOS PRISÕES NOVAS

D. MARTIN — Notícias da BBC e de outros meios de informação fazem referências a trabalhos forçados em grande escala, repressão política e campos de concentração em Moçambique. Pode fazer alguns comentários sobre isto?

S. MACHEL — Em primeiro lugar desde a criação da nova República nós fechamos prisões, não abrimos prisões novas. Para além disso destruímos os campos de concentração, os chamados "aldeamentos estratégicos" e libertámos 1500 000 moçambicanos. Eles viviam em campos de concentração e eram brutalizados. Agora temos na prisão a escuria criada pelo colonialismo — viciados em drogas, ladrões, prostitutas, elementos criminosos, contrabandistas, etc. Temos que os reintegrar na sociedade. Anteriormente estas prisões apenas afectavam os negros. Mas agora o mundo reage porque prendemos também brancos que nunca tinham sido presos antes, e que são presos por negros. Mas uma vez chegamos a este complexo dos brancos. E quem nos ataca? Aqueles que no ocidente apoiaram o colonialismo português em Moçambique, aqueles que eram os verdadeiros aliados do colonialismo português e nos chamavam terroristas durante a guerra de libertação nacional. Aqueles que falavam sobre a civilização cristã ocidental em Moçambique durante os tempos coloniais. Nós servimos o nosso povo e os nossos interesses são antagónicos aos interesses capitalistas. As pessoas perguntam-nos se somos comunistas. A nossa resposta é que somos moçambicanos, somos revolucionários, e consequentemente somos contra o capitalismo a discriminação e a humilhação.

D. MARTIN — O vosso é o primeiro país africano a não utilizar a pena de morte.

S. MACHEL — Pensamos que todos têm consciência e de cada vez que encontramos um criminoso é uma lição para nós. Ainda não temos a pena de morte. Temos a educação política.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-03-28)